



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil  
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013  
ISSN 1982-3657



## **A PAISAGEM REVELADA A PARTIR DO LUGAR**

Jackson Luiz de França<sup>1</sup>

Thiago Éric Santos da Silva<sup>2</sup>

Bruna Karla Otávio dos Santos<sup>3</sup>

Gilcileide Rodrigues da Silva<sup>4</sup>

**Eixo Temático:** Educação, Sociedade e Práticas Educativas.

### Resumo

O presente trabalho é fruto do desenvolvimento de uma metodologia de ensino, que pode auxiliar na ampliação educacional dos estudantes. Foi realizada com educandos do 6º ano do ensino fundamental na Escola Estadual Ovideu Edgar, localizada no bairro Tabuleiro do Martins, na cidade de Maceió/AL. O objetivo consistiu-se em levar os alunos a perceber através dos mapas mentais a paisagem e o lugar a partir do bairro da escola. Neste contexto, as percepções do espaço vivido são expressas nas representações espaciais que permitem aos educandos construir sua própria referência, capaz de reconhecer o seu lugar como ele se apresenta. O reconhecimento do lugar e a interpretação da paisagem gera uma possibilidade, para autonomia dos sujeitos quanto a ampliação da capacidade crítica na sociedade contemporânea. Assim, desejando uma escola de amplo horizonte.

- Paisagem. Lugar. Bairro.

### **Abstract**

The present study shows the difficulties of developing a new methodology in the teaching of geography in the Ovid Edgar Martins State school in the District of Tabuleiro dos Martins, Maceió Alagoas. This project done, by students of graduation in the Geography course, Federal University of Alagoas - UFAL-. One of the highlighted issues is the students' low esteem during the development of activities, it was noted in the speech and actions, not the same esteem as future project, as well as the lack of knowledge of the geographical categories, so important to the learning and teaching of geography. Being the school a place to develop the subject's argumentative, so that it becomes the protagonist in all its nuances, since the school is to be democratic.

**Key-Words:** Landscape. Place. District.

## **Introdução**

O reconhecimento do lugar e a interpretação da paisagem é uma possibilidade, que pode permitir autonomia por parte dos alunos na sociedade contemporânea. Então, houve a necessidade de procedimentos que auxiliassem no desenvolvimento do ensino e aprendizagem, levando a este trabalho. Assim, através dos Mapas Mentais pudemos identificar a visão da realidade desses sujeitos. Dessa forma, a utilização dos mesmos é uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido concebido em todas as suas nuances, cujos signos são edificações sociais. A representação espacial feita pelos estudantes exigiu uma organização mental, possibilitando uma maior percepção, tornando-o conhecedor de seu próprio lugar. Entre os autores que contribuíram para análise conceitual destacamos Tuan (1983); Kozel (2008); Santos (1985); Straforini (2008), para interpretação e explicação da proposta. A paisagem é uma das categorias geográficas que faz parte do dia a dia dos sujeitos que no espaço estão inseridos, alterada de acordo com as necessidades sociais. A mesma é formada por características distintas e qualquer que seja a alteração vai alterar a dinâmica do espaço. Assim, se deseja observar como os alunos veem a dinâmica da paisagem, observada a partir do lugar. Neste sentido, o lugar é onde se cria afinidade, identidade e um sentimento de pertencimento. As percepções dos educandos foram concebidas através de mapas mentais como ferramenta metodológica para o desenvolvimento pedagógico deste trabalho. O mapa mental é compreendido como uma expressão do vivido, através de uma linguagem gráfica, sendo o mesmo um trabalho técnico, uma vez que, visa comunicar a ideia que o sujeito tem de seu lugar, sendo ainda um documento que está contido na memória de cada um, representado por suas percepções. Logo deve ser vislumbrado como um documento que transmite informações. Nogueira (2004, p. 129) define mapas mentais como "representações construídas inicialmente tomando por base a percepção dos lugares vividos, experienciados, portanto, de uma dada realidade".

## **Procedimentos Metodológicos**

Utilizamos um método que valorizasse aos educandos, através de suas percepções, este método é conhecido como Fenomenológico, que segundo Rodrigues (2005), preocupa-se com a descrição direta da experiência, tal como ela é. A realidade é construída e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado pelo resultado da pesquisa. Desta forma os educandos retrataram sua realidade através dos mapas mentais de seu próprio punho, assim compreendendo que a realidade não se apresenta de forma unívoca, coexistindo vastas interpretações de um mesmo fenômeno, que precisa ser conhecido e desmistificado.

A abordagem do problema tem natureza quantitativa e qualitativa, baseado em Rodrigues (2005), que admite que tudo pode ser quantificável, isto é, que é possível traduzir em números as opiniões e as informações para, posteriormente, classificá-las e analisá-las. Determina como pesquisa quantitativa, e pesquisa qualitativa, considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

Visando compreender como os estudantes do sexto ano do ensino fundamental veem seu lugar e interpretam sua paisagem na probabilidade de (re)conhecimento do seu cotidiano, a pesquisa dividiu-se em duas partes; a primeira em desenvolvimento de assunto com base das categorias geográficas de paisagem e lugar, constituição do primeiro mapa mental para que fosse percebido o quanto de conhecimento geográfico detinham. Em seguida aula de campo pelo bairro para que os educandos entrassem em contato com o mesmo se localizando e localizando os pontos de referências. A segunda fase se dá pela avaliação do que foi apreendido pelos educandos durante a aula de campo e constituição do segundo mapa mental. Optamos por procedimentos metodológicos que privilegiassem a visão de cada sujeito, no caso os mapas mentais e os questionários abertos, para respostas livres.

Para o desenvolvimento foi imprescindível, que se conhecesse totalmente o lugar, no caso o bairro. A proposta foi dilatada com a participação dos alunos do ensino fundamental de sexto ano da Escola Estadual Ovídio Edgar, com idade de 10 a 14 anos e como sequência didática se implementou atividades que tivesse como inferência a realidade local, sua identidade, seu espaço vivido, que permitiu as novas gerações o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 20), explicam que "as novas abordagens para o ensino da geografia, devem ser feitas de forma onde possam possibilitar uma maior reflexão de diferentes aspectos de um mesmo fenômeno", como, de que forma ocorrem as alterações do espaço.

Neste caso é crivo evidenciar os mapas mentais como forma de representação do vivido, evidenciado, mas, não interpretado, os mapas representam o espaço vivido e transformado socialmente, através de culturas, economias, políticas entre outros fatores. Nogueira ressalta, que "os mapas mentais contém saberes sobre lugares que só quem vivi neles pode ter e revelar" (NOGUEIRA, 2004, p. 130).

### **Mapas mentais um exercício pedagógico nas aulas**

A geografia como ciência social deve considerar o alunado e a sociedade em que vivem, para que possam se redescobrir na sua realidade. O aluno é o principal protagonista no processo de ensino e aprendizagem. Assim, a interação entre professor-aluno e aluno-aluno através da solidariedade de constituição da visão crítica e construção de saberes, permite uma melhor compreensão do lugar e da leitura da paisagem, cada um tem sua própria visão, que pode unir-se a outra, desenvolvendo a outra percepção da realidade.

Segundo Tuan (1980, p. 14) "a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. Os órgãos dos sentidos são pouco eficazes quando não são ativamente usados". Assim podemos compreender, que quando bem utilizados os órgãos do sentido a paisagem se torna cada vez mais repleta de informações. O que leva Callai (2009, p. 110) a definir "paisagem é tudo aquilo que se vê que a nossa visão alcança, e a nossa visão depende da localização em que está". Logo, coadunamos com França (2012, p. 5), que ressalta:

[...] crescer no lugar significa ir se encontrando com clareza, as circunstâncias que dão significados a este lugar no tempo em que se vive [...] E para que seja contextualizado o espaço mundo é necessário partir do imediato, aquilo que constituem sua experiência cotidiana para que percebam a realidade a sua volta dando opinião a mesma, para haver uma transformação.

Logo somos levados à compreensão a despeito dos valores de determinada cultura e conjuntura social pertencente a um lugar, tais quais não sendo unívocos, mas pluralísticas. "O mundo cultural é considerado não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem explicitada no sistema de relações sociais" (KOZEL, 2008, p. 2).

Assim, o vivenciado pelo aluno em seu cotidiano, para que o mesmo venha entender, o lugar como sua casa, o lugar como sua rua, como seu bairro. Nesta "íntimo",

A casa do aluno é um centro de encontro familiar para a produção social, constituição da moral, da identidade, da cultura, da religião e do reconhecimento social. A casa é em sua essência o lugar repleto de intimidade onde a relação e a coexistência de pessoas, dão a este lugar significados, sentimentos e essência. Ainda mais, o lugar é por natureza local que se construiu ou, se constrói uma identidade apropriável para vida, recheado de laços afetivos e relações sociais com o todo que forma e, que transforma.

O centro do universo para o aluno é a sua casa, que sai para o vizinho mais próximo, que em seguida segue para sua rua, logo depois compreende o bairro, por conseguinte o município e, logo após o mundo,

mundo este que está presente em seu lugar. Cada indivíduo tem uma maneira própria de ver o mundo, de perceber o que está à sua volta, as percepções espaciais dos sujeitos variam de acordo com o que o sujeito conhece do espaço, como também podendo ser alterados os sentidos das coisas, por razão da cultura entre outros fatores. Desta forma, o mapa mental de uma criança, não será igual ao de outra criança, por mais que tenha bastante similitude.

Do mesmo modo que se espera que a escrita dê maior autonomia para o indivíduo, a construção e o uso do mapa mental apresenta o mesmo objetivo. Ao invés de somente trabalhar com mapas existentes, o aluno precisa ter a oportunidade de expressar suas leituras a respeito dos lugares, por meio do desenvolvimento e da integração dos mapas mentais nas atividades escolares e cotidianas. Essa prática conduz para um avanço na capacidade cognitiva do indivíduo, pois além de ler ele terá condições de “escrever” o mapa, ampliando sua relação com esta linguagem. (RICHTER, 2010, p. 89).

O aluno ao entender onde mora e qual a importância de saber (re)construir e contextualizar, para depois do processo saber que sua paisagem é o que consegue ver em seu lugar.

Como já dissemos, a totalidade mundo não existe enquanto uma concretude, a não ser enquanto planeta. Mas o planeta Terra enquanto um corpo físico não nos interessa, mas sim aquilo que lhe preenche de vida e sentido: a humanidade se realizando nos lugares, afinal, ninguém mora e vive em todo mundo. (STRAFORINI, 2001, p. 73).

Pode-se imaginar no cotidiano das escolas, bairros e outros lugares, os alunos, que observam o espaço, que percorrem seu lugar dia após dia, mas não consegue identificar seus elementos e suas alterações, sua sociedade e sua cultura. Porque ver, não significa (re)conhecer. Assim compreende-se que:

[...]o poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas [...] De onde vem esse poder Diversos fatores intervêm [...] o poder de um odor em transportarmos ao passado [...] quando retornamos a cena [...] não somente a paisagem mudou, mas também a maneira como a vemos. Não podemos recapitular completamente o sentido essencial de um mundo visual do nosso passado sem o auxílio de uma experiência sensorial que não mudou (TUAN, 1980, p. 11- 2).

Os mapas mentais inseridos no ensino de Geografia contribuem para que os alunos entendam com mais facilidade as transformações do espaço geográfico em que estão inseridos. Então explica Cavalcanti:

A geografia defronta-se, assim, com a tarefa de entender o espaço geográfico num contexto bastante complexo. O avanço das técnicas, a maior e mais acelerada circulação de mercadorias, homens e ideias distanciam os homens do tempo da natureza e provocam certo encolhimento do espaço de relações entre eles [...] (2005, p.16).

As percepções, as experiências e as lembranças dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na composição do saber geográfico através das interpretações do lugar.

No entanto, a localização geográfica constrói-se à medida que o sujeito se torna

capaz de estabelecer relações de vizinhança (o que está ao lado), separação (fronteira), ordem (o que vem antes e depois), envolvimento (o espaço está em torno) e continuidade (a que o recorte do espaço a área considerada corresponde) entre os elementos a serem localizados (ALMEIDA; PASSINI, 2004, p. 33).

Desta forma, é fato importante, que o educando esteja inserido dentro daquilo que está estudando, proporcionando a compreensão de que ele é um participante ativo na produção do espaço geográfico. Nesse momento, é necessário que a criança tenha algum domínio dos conceitos geográficos, para que se orientem dentro deste espaço de vivência.

## **Resultados discussões**

Fizemos uma ficha de identificação para saber a idade do discente e, se estavam de acordo idade e ano escolar. No total de 26 alunos.

Constatamos que não havia disparidade, estando todos os estudantes na mesma faixa etária.

O mapa mental deu a possibilidade para o aluno se tornar pesquisador. No primeiro mapa, o aluno faz o caminho que leva de casa a escola, o mesmo trouxe consigo alguns pontos referenciais, aquilo que mais lhe chamou a atenção, mesmo que alguns não tiveram nome. Procuramos implantar o mapa mental como meio para inserir e, facilitar o processo de ensino-aprendizagem das categorias geográficas de lugar e paisagem.

A produção do primeiro mapa teve como objetivo o caminho de casa para a escola, buscamos primeiro a produção do mapa como avaliação do conhecimento adquirido.

Observando os mapas dos estudantes, separamos 12, para que fossem usados no trabalho, para analisar cada um deles, assim, nesta percepção identificamos quais lugares e espaço são mais representativos, estando presentes na reprodução cartográfica de grande parte. São eles: o mercadinho Compre Bem; o Bar do Pereira e o Sítio (referente a um terreno que fica no bairro Clima Bom, pertencente a empresa Real Alagoas). Sendo constatado que grande parte dos alunos, pertencem ao Bairro Clima Bom, contudo, o Bairro Tabuleiro do Martins, é onde está localizada a Escola, e a Feirinha (feira livre), de uso frequente destes alunos e de seus familiares.

Quando o aluno representa a realidade através de um mapa mental, esta representação cartográfica trás consigo signos cartográficos, que expressam determinado contexto. Porém o fato de ter representado o caminho casa/escola, não significa dizer que saiba interpretar, ou que saiba compreender este processo de transformação do espaço geográfico.

É crivo reverberar, que os signos tem uma comunicação, e não esperamos que a criança tenha o mesmo grau de abstração que um adulto, principalmente quando este, é aluno de escola pública, que segue uma defasagem no ensino, desde os anos iniciais. Porém o educando sabe que cada signo trás um aspecto de sua realidade e que para ele, tem acuidade.

Em um dos Mapas a estudante trouxe a tona, uma cratera na rua como dos problemas do bairro, um signo, mostrando que há uma capacidade de analisar a infraestrutura do lugar. A despeito do mesmo ao se indagar, sobre o que deveria ser feito, e quem se responsabiliza o caso, fomos surpreendidos com a resposta – o governo que deveria tapar o buraco, que pode gerar muitos acidentes -.

Como os demais mapas, todos têm a mesma visão sempre oblíqua. É interessante ressaltar a capacidade de um dos alunos, quanto ao poder público, e aos problemas encontrados no bairro. Levando-nos a expressar que, o que falta é uma escola de amplo horizonte.

Todos os mapas mentais levaram-nos a validar a ideia de que o centro do universo é a casa do estudante. E como pedimos, os alunos trouxeram em sua cartografia o que reconhecemos como forma. Para Santos (1985, P. 50/51), "a forma é o aspecto visível de uma determinada coisa. São os objetos e arranjos de objetos que compõe o espaço, isto é, casas, condomínios, parques, escolas, avenidas e etc., tudo gerado historicamente, organizando o presente e projetando o futuro".

Mesmo que alguns estudantes apresentaram, grande dificuldade e falta de vontade para fazer, sendo, esta questão, à má escolarização desde os anos iniciais que não cabe a este trabalho se aprofundar, muitos se sentiram aguçados. Depois dando início as aulas que tiveram como fulcro as categorias geográficas, fizemos o seguinte questionamento: O que é lugar Os alunos não responderam. O que é paisagem A mesma situação.

De 23 mapas mentais, dos 26 educandos: 15 não tinham informações relevantes, apenas traços, sem pontos referenciais; 3 identificamos que os alunos residem no bairro Tabuleiro por trazerem como pontos de referência: a Igreja São José; a Feirinha do Tabuleiro e a Papelaria Amarelinha. 4 alunos residem no Bairro Clima Bom, trazendo como pontos referenciais, a bomba do Gonzaga; O sitio (o mesmo não tem nome); O Supermercado Sertanejo. 1 aluno fez uma arquitetura tal qual um artista nato, trouxe vários pontos de referências, e pudemos identificar que o mesmo reside no bairro da escola. 3 alunos não fizeram o mapa porque não sabiam, segundo sua afirmação. Para que fosse construído a um novo mapa mental, foi necessário aula de campo para que tivessem contato com o espaço vivido, capaz de representar a realidade. Dos 26 alunos apenas 12 participaram da aula de campo, segundo os mesmos teriam prova de matemática no dia seguinte.

Entendemos que para o educando interagir nas aulas é preciso que este aguçamento seja feito de forma progressiva, começada nos anos iniciais, mostrando-os o quão é importante. Depois da aula de campo, os educandos construíram um novo mapa mental. Desta vez com uma nova ótica, pois já haviam reconhecido o lugar, sua paisagem, os principais pontos de referências e alguns equipamentos urbanos. Assim pudemos identificar que está em contato com o lugar, e caminhar para redescobrir este espaço, redescobrimo o que já existe, mas procurando compreender sua existência.

Neste segundo mapa foi destacado cada passo dado durante a aula de campo, as paradas, e principalmente a abstração do educando para que houvesse uma valorização da cartografia. Além de trazer, as paradas, os signos, que consigo representam a realidade, podem ser lidos por qualquer pessoa e, utilizado como mapa para localização e orientação, estando neste lugar. Não bastou fazer apenas o desenho, preocupou-se em descrever cada signo, ou seja, cada estabelecimento comercial, utilizado como ponto de referência.

Algumas referências tais quais: Pizzaria Alô Pizza, Igreja Universal do Reino de Deus, entre outros pontos, vistos durante aula de campo. Isto pôde ser comprovado através dos seguintes mapas de uma mesma aluna, 1º antes e o 2º depois da aula de campo e da explanação dos conceitos geográficos.

O primeiro mapa mostra que aluna já possuía alguns pontos de referências, mas não conseguiu mostrar o caminho de maneira mais detalhada, mesmo que faça usufruto do abstrato é decorrente da idade.

No segundo mapa a aluna explanou elementos que foram discutidos em sala de aula e, durante aula de campo, como por exemplo, o nome das ruas e avenidas: Rua São Paulo e Rua do Arame; pontos de referência: Praça da Amarelinha, Pizzaria Alô Pizza, como também não se esqueceu de mostrar no mapa aspectos históricos, o ponto de referência à Igreja Universal do Reino de Deus, enfatizando, que lá antes era o Cinema São Luiz, ponto de encontro de todos os jovens de outra geração. Há também no segundo mapa uma reprodução fiel das quadras do local, tal qual não se conseguiu demonstrar no primeiro mapa.

Em todos os desenhos os educandos trouxeram signos, que são referenciais desta realidade, todos os pontos, as ruas da aula de campo. Para as análises destes mapas, recorreremos ao conceito de espaço, de Santos (1997, p. 26), "o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam

de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida de que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento". Neste contexto o espaço seria então um conjunto indissociável e contraditório de objetos e ações. Desta forma, o espaço possui arranjos visíveis que imprescindivelmente se relacionam entre si com e por meio da sociedade em movimento.

Um dos objetivos desta metodologia, desenvolver a criticidade de cada sujeito, para que pudessem compreender, que os objetos e arranjos de objetos, (re)construído se (des)construindo para atender a dinâmica social, produtiva e espacial de um dado período passível de contextualização.

Portanto, ao analisar estes mapas, temos que considerar a oralidade de cada estudante depois da aula de campo, pois caso isso não acontecesse, ter-se-ia o lugar desvendado, porém, predeterminado, quando a nossa proposta não é esta. Desta forma, a importância da avaliação como processo contínuo.

Durante a aula de campo, os estudantes reconheceram o espaço vivido, e suas possibilidades de continuamente mudar, desmistificando este espaço, durante percurso mostramos os problemas do bairro, e sobre a ótica de cada um deles. Vimos que os problemas destacados, foi e, é o lixo depositado nas ruas, o lixão da feirinha, outra questão problemática é a falta de sinalização nas vias sem semáforos nos principais cruzamentos dentre eles, o da Amarelinha.

Para que houvesse uma fixação do que foi estudado foi elaborada uma atividade avaliativa com questões abertas. Este último processo serviu para validar os objetivos, pois mostrou através das respostas dos alunos que o mapa mental e a aula de campo, fez com que, o alunado pudesse ter um olhar crítico em relação à sociedade em que vive, pelo meio dos conhecimentos adquiridos no próprio lugar.

Para sondagem do conhecimento dos alunos e avaliar o rendimento da aprendizagem buscamos identificar a partir dos alunos a localização das manifestações culturais do bairro; os componentes da economia do bairro; aspectos relevantes na paisagem do bairro; o que seria o lugar para os mesmos; o conceito de paisagem. Assim, quanto às manifestações culturais buscamos identificar os destaques dos alunos.

Na seguinte indagação: onde estão localizadas as manifestações culturais 67% dos alunos respondeu que estava concentrada no carnaval; 8% nas igrejas Católicas, Evangélicas e no Candomblé; 25% nas ruas.

Ao se questionar. O que é lugar para você As respostas ficaram entre: - suas casas e seus quartos. Para a definição de paisagem. Ficamos com duas respostas: - paisagem formada através dos sentidos (cheiro, tato, visão e paladar) e, que se fechasse aos olhos poderia sentir a paisagem.

Quanto à economia todos os alunos responderam que é formado pela Feira Livre, supermercados e lojas. Quanto ao que mais chamou atenção dos estudantes - o lixo em todo bairro e o mau cheiro da feirinha.

### **Considerações Finais**

Ao fim do processo percebeu-se que a maioria dos alunos do 6º ano da escola, apresentam dificuldades, quanto ao conhecimento ou noção das categorias geográficas, coadunamos que a falta de conhecimento os deixam muito reprodutivo de tudo que vê e escuta e, não os tornam questionadores e críticos do seu próprio espaço. No entanto a atividade, bem como todo o projeto, não é um processo final e sim inicial de práticas didáticas e metodológicas para que esse alunado não só saiba que é um cidadão, mas se sinta como tal e haja como participante e atuante no meio em que vive. Durante a aula de campo, os estudantes desenvolveram atividades no espaço de vivência e tiveram a oportunidade de desmistificá-lo, durante percurso mostramos os problemas do bairro, e sobre a ótica de cada um deles. Antes e depois da aula de campo os alunos constituíram os mapas mentais para saber às categorias geográficas. A contextualização e problematização, desconstrução e reconstrução do conhecimento, insinuamos a aproximação das informações com a realidade do educando, de modo que o ensino de Geografia fosse algo verdadeiramente significativo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yazuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 6 ed. São Paulo, Contexto, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997. 156 p.

CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In. CASTROGIONANNI (Org.) **Ensino de Geografia: prática e textualização no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009. 176 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 2005.

FRANÇA, Jackson Luiz de; Souza, Maria Fernanda de Oliveira. In. Colóquio Internacional de Educação na Contemporaneidade. VI, 2012, Sergipe. **O (RE)CONHECIMENTO DO VIVIDO PARA INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM DO BAIRRO TABULEIRO DO MARTINS – MACEIÓ - AL**.

KOZEL, S. Representação e Ensino: Aguçando o olhar geográfico para os aspectos didático-pedagógicos In: SERPA, A. (org) **Espaços Culturais vivências, imaginações e representações**. Salvador, EDUFBA, 2008.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Mapa mental: recurso didático no ensino de geografia no 1º grau**. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP: São Paulo, 1994.

RODRIGUES, Maria das Graças Villela et. al.. **Metodologia da pesquisa: elaboração de projetos, trabalhos acadêmicos e dissertações em ciências militares**. Ed. EsAO. Rio de Janeiro, 2005.

RICHTER, Denis. **Raciocínio geográfico e mapas mentais: a leitura espacial do cotidiano por alunos do Ensino Médio**. 2010, Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" – UNESP - Presidente Prudente/SP.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2008.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Ed. Nobel, 1985.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**. Tradução de Livia de Oliveira. Ed. Difel. São Paulo, 1980.

---

# 1º Graduando em Geografia

# **Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.**

Jacksonn.al@hotmail.com

## **<sup>2</sup>Graduando em Geografia Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.**

thiagoeric\_@hotmail.com

## **<sup>1</sup>Graduando em Geografia Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.**

bruna\_krl@hotmail.com

<sup>3</sup>Professora Doutora da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

gilsilvaxxi@yahoo.com.br